



Experiências de indígenas do Programa de Educação Tutorial - Ações em Saúde: protagonismo e resiliência durante a pandemia de COVID-19

Experiences of indigenous people participating in the Tutorial Education Program group - Health Actions: protagonism and resilience during the COVID-19 pandemic

Resumo

Este relato de experiência descreve as atividades desenvolvidas, no período da pandemia de COVID-19, por jovens indígenas universitários no âmbito do Programa de Educação Tutorial (PET) da Universidade Federal de São Carlos. O PET - Conexões de Saberes – Indígena – Ações em Saúde foi criado em 2010, composto exclusivamente por universitários indígenas, e desenvolve atividades de ensino, pesquisa, extensão. Para construção do manuscrito, foram resgatados os materiais produzidos pelo grupo durante os anos de 2020 a 2022, tendo sido escrito por cinco universitários e dois docentes. Cinco principais atividades foram desenvolvidas: Comunicação Social e Saúde dos Povos Indígenas; *PodCast* sobre vivências e experiências dos Povos Indígenas no Brasil; Encontros de Saberes Indígenas; Vídeos sobre singularidades indígenas; Rodas de Conversa sobre Saúde dos Povos Indígenas. Dois aspectos valem ser ressaltados: 1 - a volta de petianos para suas comunidades de origem, o que criou um canal de comunicação direto com os lugares; 2 - a necessidade de atuação virtual, que possibilitou a participação de pessoas de todo o país. As atividades tiveram protagonismo indígena e deram visibilidade às questões da saúde indígena na universidade, bem como responderam a necessidades das comunidades, evidenciando-se como estratégias de resiliência, de forma criativa e assertiva aos desafios da pandemia de COVID-19.

Palavras-chave: saúde das populações indígenas; povos indígenas; COVID-19; extensão comunitária.

Willian Fernandes Luna
Ivanildo da Silva Ferreira
Pedro Manoel da Silva Santos
Raniel Martinha de Souza
Joelson Antonio de Jesus
Claudiana Brazão Lopes
Pedro Augusto Lolli

willianluna@gmail.com

Universidade Federal de São Carlos

Abstract

This experience report describes the activities carried out, during the COVID-19 pandemic, by young indigenous university students under the Tutorial Education Program (PET) of the Federal University of São Carlos. This PET group was created in 2010, composed exclusively of indigenous university students and develops teaching, research and extension activities. For the construction of the manuscript, the materials produced by the group during the years 2020 to 2022 were rescued, having been written by five indigenous university students and two professors. Five main activities were developed: Social Communication and Health of Indigenous Peoples; PodCast about experiences of Indigenous Peoples in Brazil; Meetings of Indigenous Knowledge; Videos about indigenous singularities; Conversation Circles on the Health of Indigenous Peoples. Two aspects are worth highlighting: the return of Petianos to their communities of origin created a direct communication channel with the places; the need for virtual action enabled people from all over the country to participate. The activities had indigenous protagonism and gave visibility to indigenous health issues at the university, as well as responding to the needs of communities, showing themselves as resilience strategies and responding creatively and assertively to the challenges of the COVID-19 pandemic.

Keywords: health of indigenous peoples; indigenous peoples; COVID-19; community-institutional relations.

INTRODUÇÃO

A partir da década de 1980, com o processo de redemocratização do Brasil, o movimento indígena foi adquirindo um protagonismo importante na cena política do país. A constituição de 1988 foi um marco nesse sentido, que deflagrou uma série de conquistas como: a retomada e demarcação de seus territórios tradicionais; o atendimento de reivindicações por políticas públicas junto ao Estado, bem como nos embates por espaços pouco ocupados por indígenas, como as universidades (KLICHOWSKI; CASSANDRE; AMARAL, 2020; BANIWA, 2019; CARVALHO, 2013).

Nos anos 2000, surgiram ações afirmativas em algumas universidades, que passaram a receber estudantes indígenas em seus cursos. As primeiras iniciativas partiram de universidades estaduais, como nas do Paraná, Amazonas e Mato Grosso, seguidas por algumas universidades federais, como na do Rio Grande do Sul, do Tocantins, de Santa Catarina, de São Carlos e de Brasília (LUNA, 2021; BANIWA, 2019; BERGAMASCHI; DOEBBER; BRITO, 2018). Desde então, a presença indígena, em parte das universidades públicas, possibilitou uma abertura inicial na aproximação com os contextos indígenas, impulsionada com a Lei 12.711 de cotas em 2012 com vagas destinadas a estudantes pretos, pardos ou indígenas nas universidades federais.

O ingresso dos indígenas na educação superior pública é necessariamente marcado por um “duplo pertencimento”, pois essa conjuntura demanda desses novos estudantes uma articulação entre o pertencimento étnico-comunitário e o pertencimento acadêmico (AMARAL, 2010). O pertencimento étnico-comunitário envolve os saberes, as regras próprias, os costumes, as tradições, a cultura e toda a gama de características específicas dos diferentes povos indígenas e de suas comunidades. Também, vinculam os estudantes indígenas a outro tipo de pertencimento, no encontro na universidade, o acadêmico (AMARAL, 2010).

Na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), as vagas destinadas a estudantes indígenas foram aprovadas em 2007 e, posteriormente, em 2008 foi realizado o primeiro vestibular indígena da instituição (UFSCAR, 2016). Essas ações tornaram a UFSCar uma das primeiras universidades do país a receber e acolher a diversidade cultural e linguística dos povos originários do nosso país, aumentando a representatividade indígena dentro de espaços da sociedade, além de ser uma potente ferramenta de reparação histórica (UFSCAR, 2016).

Já são mais de quinze anos de ingresso de indígenas na instituição e, ao longo dos anos, importantes conquistas podem ser destacadas a partir do desenvolvimento de um processo seletivo descentralizado, que oportunizou dobrar o número de inscrições anualmente, aumentando progressivamente o número de estudantes indígenas formados (UFSCAR, 2016). Para além das oportunidades de crescimento profissional, a troca de experiências dentro de sala de aula quebra padrões estereotipados, impostos pela sociedade desde o período colonial, o que pode inclusive propiciar a construção de novos conhecimentos interculturais, com importante protagonismo indígena (LUNA *et al.*, 2020).

Em 2010, seguindo as políticas estabelecidas pelo Ministério da Educação, criaram-se grupos do Programa de Educação Tutorial (PET) Conexões de Saberes,

vinculados a áreas prioritárias e a políticas públicas e de desenvolvimento, buscando a correção de desigualdades regionais e a interiorização no estímulo a atividades de pesquisa, ensino e extensão universitárias, no nível de graduação (FREITAS, 2015). Foram criados 17 grupos PET específicos para estudantes indígenas, sendo dois grupos na UFSCar, a saber: PET Saberes Indígenas e o PET - Ações em Saúde (CALLEGARI; SANTOS NETO; CARBOL, 2015).

O Grupo PET Ações em Saúde, ao qual este artigo se dedica, é um grupo de aprendizagem multidisciplinar composto exclusivamente por graduandos indígenas, de diversas etnias, dos cursos da área de saúde e afins, que desenvolve atividades de forma interdisciplinar. As suas ações de ensino, pesquisa e extensão focam na melhoria das condições de saúde nas comunidades indígenas e populações do município de São Carlos, bem como na valorização das práticas tradicionais indígenas em saúde (CALLEGARI; SANTOS NETO; CARBOL, 2015).

Em 2020, no contexto da situação pandêmica de COVID-19, as atividades presenciais na UFSCar foram suspensas, exigindo que o grupo PET – Indígena – Ações em Saúde reformulasse completamente seu planejamento de atividades. Naquele contexto, evidenciaram-se situações de vulnerabilidade pelos indígenas na universidade e no Brasil, já que devido à complexidade de questões sócio-históricas, grupos diferentes acessaram e vivenciaram as situações da pandemia de COVID-19 de formas desiguais (LIMA; MELO; PERPETUO, 2021; FAGÁ *et al.*, 2021).

Naquele contexto, a UFSCar contava com 218 universitários indígenas matriculados nos quatro *campi*, sendo 166 em São Carlos. Por três anos a pandemia se arrastaria, impactando sobremaneira as vivências dos indígenas na universidade. Dentre eles, estavam os membros do grupo PET – Indígena – Ações em Saúde, composto por doze bolsistas e seis voluntários.

A proposta deste artigo é descrever e analisar as principais atividades de extensão construídas e desenvolvidas pelos universitários indígenas no âmbito do Programa de Educação Tutorial - Indígena - Ações em Saúde, durante o período da pandemia de COVID-19.

MÉTODOS

Trata-se de um relato de experiência sobre as atividades desenvolvidas pelo grupo PET - Indígena - Ações em Saúde, durante o período da pandemia de COVID-19, considerado aqui o período de março de 2020 a dezembro de 2022. O foco da descrição e análise se baseou nas vivências coletivas mais significativas dos membros do grupo, chamados de petianos, que estavam envolvidos nas experiências apresentadas.

O relato de experiência foi desenvolvido com uma abordagem qualitativa, evidenciado na forma de respeito e de fidelidade em relação à experiência de vida, com ênfase à contribuição da subjetividade humana em relação ao conhecimento (SCHWABNDT, 2006). Trabalhar qualitativamente implica em entender e interpretar os sentidos e significações que uma pessoa dá aos fenômenos, com valorização do contato pessoal e de elementos do *setting* natural dos sujeitos (TURATO, 2003; MINAYO, 2006).

Nesse contexto, as vivências significativas foram entendidas como os momentos em que petianos, em conjunto, passaram por experiências que possibilitaram reflexões e geraram novos aprendizados (LUNA *et al.*, 2019). Assim não foram selecionadas vivências individuais em situações específicas, mas aquelas em que o coletivo envolveu-se. O artigo foi construído por cinco petianos, indígenas universitários, e dois docentes, que estiveram na tutoria do grupo.

A construção de dados foi realizada inspirada no processo descrito por Luna e colaboradores (2019). Momento 1: levantamento de atas de planejamentos, relatórios de atividades, apresentações de trabalhos em eventos e registros redigidos pelos petianos durante os quase três anos de atividades de extensão do grupo; Momento 2: na pré-análise, os pesquisadores realizaram imersão junto aos materiais; Momento 3: cada pesquisador construiu individualmente um mapa conceitual sobre uma das vivências coletivas que, a partir da leitura de todo o material, apresentou-se como mais significativa, somado a um resumo inicial da vivência. O mapa conceitual vem da teoria da Aprendizagem Significativa e é utilizado para organização gráfica sobre um tema, relacionando informações de forma hierárquica e atribuindo significado ao estudo (AU-SUBEL; NOVAK; HANESIAN, 1980; MOREIRA, 1998). Momento 4: esses mapas e resumos foram apresentados em reunião dos pesquisadores sendo selecionadas coletivamente as cinco vivências mais significativas expressas nos documentos, que foram descritas no relato de experiência a seguir, com elaboração coletiva do texto apresentado.

RESULTADOS

Inicialmente, em março de 2020, o grupo teve dificuldades de reconhecer caminhos e planejar como agir naquela situação mundial de emergência em saúde. Todavia, em algumas semanas, o grupo se reorganizou e buscou construir novas estratégias de extensão universitária nos diálogos entre comunidades indígenas e universidades, o que é foco de relato de experiência.

A extensão universitária é aqui reconhecida a partir de seus pressupostos e desafios, como via de mão dupla, no desenvolvimento de um agir crítico em saúde e na direção de mobilizar transformações sociais (CRUZ; VASCONCELOS, 2020).

Nas primeiras semanas de pandemia de COVID-19 e suspensão de atividades acadêmicas presenciais, parte dos petianos voltou para suas comunidades e neste regresso foram encontradas diversas dificuldades, desde a falta de recursos até o sofrimento psíquico trazido pelo contexto pandêmico. Ao mesmo tempo, trouxe a possibilidade de trabalharem diretamente com as comunidades e terem acesso à situação de saúde delas. Diante da realidade particular de cada petiano, foram elaboradas estratégias em que todos, ou a maioria dos membros, pudesse construir as propostas do PET de forma remota, com utilização de plataformas *online* para realização de reuniões como *Whatsapp*, *Google Meet*, *Zoom* e redes sociais.

No período estudado, houve certa rotatividade entre os petianos do grupo, somando um total de 23 estudantes. Desses, seis estiveram de forma permanente; onze ingressaram em dois processos seletivos realizados; seis se desligaram. Dos que se desligaram, dois concluíram o curso de graduação, dois foram transferidos

para outra instituição e dois foram contemplados com outras bolsas que impediram sua permanência no grupo.

Os petianos tinham idades entre 22 e 45 anos, sendo 12 mulheres e 11 homens. O grupo era composto pelas etnias Pankará, Baré, Guajajara, Pankararu, Tariano, Atikum, Baniwa, Dessano, Tikuna, Wanano e Tupinikim; originários de Pernambuco, Amazonas, Maranhão e Espírito Santo. Os participantes eram universitários de diferentes áreas de conhecimento, como: Gerontologia, Pedagogia, Enfermagem, Imagem e Som, Biologia, Educação Física, Educação Especial, Fisioterapia, Medicina, Música, Terapia Ocupacional, Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Quanto à tutoria do grupo, contou-se com um docente antropólogo no primeiro ano da pandemia e, após, um docente médico de família e comunidade. Ambos atuaram como cotutores quando não estavam na tutoria, havendo ainda outras três cotutoras: uma terapeuta ocupacional e duas médicas de família e comunidade.

Dentre as atividades que foram desenvolvidas, descrevemos as cinco que foram mais significativas para os autores desse artigo.

1. Comunicação Social e Saúde dos Povos Indígenas

Após a deflagração da pandemia de COVID-19, havia uma expectativa de uma quarentena e, após o período de distanciamento social, a volta à “normalidade”. No entanto, os números de casos de COVID-19 aumentaram e a suspensão de atividades presenciais na universidade perdurou até a chegada da vacina à maior parte das pessoas. No Brasil, a vacinação foi iniciada apenas em janeiro de 2021.

Diante disso, o grupo procurou repensar em quais atividades poderiam ser desenvolvidas. Assim veio a decisão por contribuir na produção de informações sobre a saúde indígena no contexto da pandemia, colaborando com o projeto de extensão Comunicação Social e Saúde dos Povos Indígenas. Esse projeto faz parte de um programa de extensão maior que envolveu docentes, técnicos e alunos na criação de um coletivo interdisciplinar, para publicação de materiais sobre a saúde na pandemia de COVID-19. Esse programa lançou um portal da *internet*, o InformaSUS-UFSCar, com informativos relacionados à saúde, à situação epidemiológica, à pandemia de maneira geral, bem como o diagnóstico epidemiológico, social e político gerados pela pandemia, em médio e longo prazo (MARTINI *et al.*, 2021).

Quatro conjuntos de publicações podem ser identificados: as séries “De parente para parente” e “Danças Tradicionais Indígenas”, divulgações de atividades do grupo PET e compartilhamento de notícias gerais sobre o contexto indígena nacional. Foram um total de 18 publicações, que podem ser acessadas pelo portal InformaSUS UFSCar, em <https://informasus.ufscar.br/categoria/saude-indigena/>.

Em 2020 e 2021, o grupo desenvolveu uma série de quatro entrevistas com indígenas que estavam vivenciando a pandemia em suas comunidades. O entrevistador era sempre um indígena universitário do mesmo povo, que no texto de apresentação trazia singularidades relacionadas ao seu coletivo. Foram entrevistadas: uma liderança do povo Terena, uma agente de saúde Tupinikim e duas técnicas de enfermagem, uma do povo Baré e a outra do povo Tariana. Nas entre-

vistas, trouxeram as experiências dos indígenas na pandemia, inclusive enfrentamentos comunitários e institucionais, denunciando as vulnerabilidades dos povos indígenas naquele contexto, bem como inovações e estratégias de sobrevivências protagonizadas por indígenas.

A partir de 2021, nove publicações foram realizadas para divulgar atividades que o grupo PET estava desenvolvendo, a saber: Encontro de Saberes Indígenas; Rodas de Conversa sobre Saúde dos Povos Indígenas; Curso de Introdução à Saúde Indígena; *Podcast* Vivências e Experiências dos Povos Indígenas no Brasil; Oficina no Congresso Brasileiro de Educação Médica; Participações no Acampamento Terra Livre; Presença no Fórum de Educação Indígena e Quilombola. Para além de noticiar as atividades, os textos das publicações buscaram discutir brevemente cada um dos eventos, trazendo principais apontamentos, reflexões e contextualizando a situação de saúde e política. Assim, foi um movimento de descrever, avaliar e sintetizar cada uma dessas atividades, elaborando um texto que pudesse despertar o interesse do leitor e levar novas informações.

O terceiro grupo de publicações trouxe o compartilhamento de matérias diversas sobre os povos indígenas no Brasil, como a eleição do líder Yanomami Davi Kopenawa para integrar a Academia Brasileira de Ciências; o prêmio Mulheres na Política, recebido pela deputada federal pelo estado de Roraima, Joênia Wapichana, natural da comunidade indígena Truaru da Cabeceira, região do Murupu em Boa Vista; o Acampamento Luta pela Vida, em Brasília, organizado pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), com o objetivo de lutar pelos direitos dos povos originários; a participação de lideranças indígenas brasileiras na Conferência Internacional do Clima (COP26) que contou com sua maior delegação da história do evento.

Já em 2022, no processo de enfraquecimento da pandemia e da necessidade de novas construções e horizontes, elaborou-se uma série chamada “Danças Tradicionais Indígenas”. O grupo realizava a pesquisa em conjunto e, da mesma forma que na primeira série, um indígena universitário entrevistava um especialista do seu povo sobre uma dança tradicional. As danças apresentadas foram o Búzio, do povo Pankararu, e o Kariçu, do povo Tukano. Os povos indígenas brasileiros têm várias danças tradicionais que muitas vezes são desconhecidas pela maioria das pessoas. Assim, trazer curiosidades sobre algumas delas evidenciou a marca de suas origens, o conhecimento e o fortalecimento da vida indígena em sua ancestralidade, no sentido da saúde de forma ampla e complexa.

2. *PodCast* sobre Vivências e Experiências dos povos indígenas no Brasil

Outra estratégia para divulgar aspectos sobre a saúde dos povos indígenas, tanto para as pessoas da universidade como das próprias comunidades indígenas, foi a iniciativa de fazer um *PodCast*, a partir de 2021, o PODIndí, disponibilizado nas plataformas digitais *Spotify* e *Anchor* e enviado a rádios comunitárias de algumas aldeias.

O primeiro episódio traz conhecimentos e relatos de mulheres indígenas sobre Partos Tradicionais do Povo Pankararu. Destacamos as falas de Mãe Dora, importante parteira tradicional, que relembrou como começou a ser parteira e como transmite seus conhecimentos para outras mulheres.

O segundo episódio aborda a importância da Saúde do Homem Pankararu, com uma interessante conversa com Seu Fernando Monteiro, importante liderança Pankararu. Foi trazido que a saúde do homem é muito mais que abordar a prevenção do câncer de próstata, mas prevenir e tratar doenças crônicas, estimular hábitos saudáveis, valorizar tradições, rituais, a ancestralidade e a força dos Encantados, em um “cruzamento de saberes” com a biomedicina.

O terceiro e quarto episódios, já em 2022, trouxeram “As vivências e experiências de indígenas relacionadas ao movimento estudantil”. Os dois episódios concentraram-se no IX Encontro Nacional dos Estudantes Indígenas (ENEI), realizado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), onde foram debatidos temas como: saúde, educação indígena, protagonismo da mulher indígena e pesquisas científicas.

Entre os participantes do ENEI estiveram Luciano Ariabo Kezo, do povo Batiponé, mestre em Linguística pela UFSCar, e João da Silva, do povo Baniwa, que cursa Ciências Econômicas pela Unicamp. Ambos trouxeram os anseios e necessidades dos indígenas nas universidades, valorizando a participação e protagonismo nas decisões institucionais. Assim, o movimento não deve ser apenas acadêmico no acesso de indígenas nas universidades, mas também político. Outra questão importante foi sobre como pensar o intercâmbio entre o conhecimento acadêmico e o conhecimento indígena, aquele conhecimento vivido no interior de cada aldeia, marcando alta afirmação de cada etnia e o reconhecimento da especificidade de cada povo.

3. Encontros de Saberes Indígenas

Os encontros de saberes foram atividades planejadas e realizadas no formato virtual, quando importantes lideranças e intelectuais indígenas foram convidados para dialogar a respeito dos conhecimentos indígenas e vivências na contemporaneidade. Os encontros foram realizados por meio de *lives* mediadas por indígenas do grupo PET e abertas a quaisquer interessados, transmitidas por canal do *Facebook*.

O primeiro encontro teve como tema “Impactos da COVID-19 entre a população indígena”. Participaram João Victor de Oliveira, do Povo Pankararu, graduando em Farmácia pela Universidade Federal de Sergipe; Cassimiro Tapeba, do Povo Tapeba e coordenador executivo da Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo (APOINME); Zenilda Maria de Araújo, do Povo Xukuru do Ororubá, importante liderança indígena.

No tema “Educação, saúde e conhecimentos tradicionais” participaram Adonias Guiome da etnia Palikur-Arukwayene, doutorando pela Universidade Federal do Pará e

professor de Cultura Indígena e de Língua Materna; Alana Manchineri, da etnia Manchineri, graduanda em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Acre e comunicadora da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB); e Edson Kayapó, do povo Mebengokré, doutor em História da Educação, ativista dos movimentos ambientalista e indígena no Brasil, professor no Instituto Federal da Bahia.

A discussão seguinte foi com o escritor e ativista do movimento socioambiental e de defesa dos direitos dos povos indígenas, Ailton Krenak. Neste encontro, dialogou-se sobre o “Racismo contra os povos indígenas”, abordando a invisibilidade histórica da questão na sociedade brasileira, vivências pessoais e os diferentes contextos indígenas, bem como estratégias de enfrentamento.

O quarto encontro de saberes indígenas teve o título “Mulheres indígenas convidam mulheres indígenas: o protagonismo feminino na luta pelos direitos dos povos indígenas”. As convidadas foram: Cristiane Julião da etnia Pankararu, doutoranda em Antropologia Social e representante no Conselho de Patrimônio Genético, do Ministério do Meio Ambiente; Suliete Gervasio, da etnia Baré, engenheira florestal, pesquisadora e defensora dos direitos dos povos indígenas. Nesse encontro, mediado por três mulheres indígenas do grupo PET, foi discutido sobre o crescente protagonismo das lideranças mulheres na luta pelos direitos indígenas.

Na sequência, o encontro de saberes indígenas focou no “Movimento estudantil indígena nas universidades”. O objetivo foi refletir sobre os impactos causados pela pandemia na permanência estudantil e a importância das organizações estudantis, tendo como convidados: Gegê Pankararu, do povo Pankararu do sertão de Pernambuco, formado em Letras pela UFSCar, que foi liderança do Centro de Cultura Indígena da UFSCar por 2 anos; Nayra, do Povo Kaxuyana, estudante do curso de Geografia pela Universidade de Brasília (UNB) e liderança indígena na instituição.

Para finalizar, discutiu-se o tema: “Saúde mental dos indígenas universitários e não universitários”, com a participação de Dayane Teixeira, do Povo Tariano, psicóloga da secretaria de educação de São Gabriel da Cachoeira, formada pela UFSCar; e de Edilaise Vieira, a Nita Tuxá, psicóloga do Distrito Especial Indígena da Bahia, mestre em Antropologia Social e coordenadora da Articulação Brasileira de Indígenas Psicólogos (ABIPSI). O encontro abordou diversos tipos de sofrimento psíquico, inclusive o uso de álcool e outras substâncias psicoativas.

4. Vídeos autorais sobre diversidades e singularidades indígenas

São pequenas produções audiovisuais para o canal do *YouTube* e demais redes sociais, abordando temáticas sobre a realidade, a diversidade de costumes e crenças tradicionais dos povos indígenas no Brasil. O nome da série foi escolhido como “Você Sabia?”, sendo o primeiro vídeo gravado e publicado em 2021, e o segundo vídeo foi lançado em 2022.

Uma das temáticas abordadas foram os cuidados que os povos indígenas realizam no período menstrual das mulheres. Para a construção do roteiro, bus-

cou-se entrevistar mulheres com experiências variadas, de várias faixas etárias, de vários povos, com ou sem filhos. Pensou-se em uma questão geral, sobre a realização ou o conhecimento sobre cuidados tradicionais com a mulher no período menstrual. A partir dessa pergunta principal, foram realizadas outras perguntas para melhor compreensão da narrativa. As entrevistas foram realizadas por seis petianos, de diferentes etnias e cursos, com cinco mulheres dos povos Atikum,-Tukano, Tupinikim e Xukuru do Ororubá, resultando no vídeo intitulado como “Você sabia que as Mulheres Indígenas do Brasil têm cuidados tradicionais com o período menstrual?”.

Outra temática escolhida foi a sexualidade, com foco na temática LGBTQIAP+, trazendo reflexões e experiências sobre suas vivências dentro e fora do contexto das comunidades indígenas. O processo foi iniciado com o grupo PET assistindo, de forma assíncrona, ao documentário Terra Sem Pecado, de Marcelo Costa, baseado na pesquisa “Homossexualidade indígena e LGBTQfobia no Brasil: duas faces da mesma moeda”. Em seguida, foi solicitado que cada petiano refletisse sobre o documentário e elencasse, individualmente, quais os principais pontos abordados sobre sexualidade indígena, bem como possíveis perguntas a serem realizadas aos convidados. Posteriormente, foram realizados convites, sendo que houve certa dificuldade no aceite, possivelmente por ainda ser uma temática difícil de expor, trazendo certo receio em serem registradas as opiniões em vídeo. Dois universitários indígenas do curso de medicina participaram, um do povo Pankararu, da UNB e um do povo Kaiowá, da Universidade Federal de Santa Maria, intitulando-se o vídeo como “Indígenas LGBTQIAPN+, quem são? onde estão?”. Foi realizada uma discussão relacionada ao contexto histórico colonial e processos de opressão com as diversas comunidades e os reflexos sobre a saúde mental indígena.

Nos processos de construção dos vídeos, foram realizados estudos sobre as temáticas, construção dos roteiros e planejamento sobre os participantes para realização das entrevistas. Depois da coleta de vídeos curtos com os entrevistados, a construção passou para etapa de edição, sendo lançados nas redes sociais do grupo. Houve, ainda, a inclusão de legenda em português quando uma das falas foi em língua indígena.

5. Rodas de Conversa sobre Saúde dos Povos Indígenas

As Rodas de Conversa sobre Saúde dos Povos Indígenas são desenvolvidas desde 2016 para dialogar sobre os distintos povos indígenas e suas culturas, fazendo uma ponte entre os saberes indígenas e a universidade. Assim, busca-se propiciar a reflexão sobre a complexidade da saúde indígena em diferentes culturas, a partir de uma provocação central em que todos os presentes participam e dão suas opiniões. As atividades tiveram seus encontros baseados nos Círculos de Cultura de Paulo Freire e outras metodologias ativas de ensino-aprendizagem (LUNA *et al.*, 2020). Devido ao distanciamento social ampliado, foram realizados encontros virtuais através da plataforma Zoom, no período de 2021 e início de 2022.

No formato virtual, foram três rodas de conversas sobre as seguintes questões: “Indígenas na Universidade: para quê e para quem?”, com discussão das ações afirmativas, diversidade e equidade na educação superior brasileira; “Cosmologias indígenas: conflito ou potência no trabalho em saúde”, discutindo-se sobre as concepções socioculturais sobre a saúde e doença e o trabalho no serviço de saúde indígena; “Universitário Indígena: como está sua saúde?” em que foram abordadas as experiências de sofrimento e adoecimento nas universidades, e a importância do fortalecimento por meio do pertencimento étnico.

No segundo semestre de 2022, foi possível retomar as Rodas presenciais, sendo que duas delas aconteceram em eventos fora de São Carlos. A primeira ocorreu no IX Encontro Nacional dos Estudantes Indígenas, em Campinas – SP, no Fórum de Saúde, com a questão: “O que traz adoecimento e saúde para o indígena na universidade?”. A segunda foi no Congresso Brasileiro de Educação Médica, em Foz do Iguaçu – PR, com a provocação: “O que é ser indígena na contemporaneidade?”.

Em todas as atividades houve divisão em pequenos grupos de trabalho, e posteriormente apresentadas em grande grupo. Assim, em uma síntese final com construção colaborativa, o diálogo entre comunidade acadêmica e sociedade geral foi fortalecido, aproximando indígenas e não-indígenas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluímos que, mesmo com as limitações da pandemia, houve participação ativa dos petianos e a construção de estratégias inovadoras e criativas, para atingir os objetivos do grupo PET. Nesse sentido, a realização das atividades atendeu às normas de segurança à saúde, ao mesmo tempo que possibilitou o desenvolvimento dos trabalhos com foco na promoção em saúde e nos enfrentamentos durante a pandemia de COVID-19.

É importante destacar dois aspectos dessa experiência, a volta de integrantes do PET para suas comunidades de origem na criação de um canal de comunicação direto com os lugares, no qual possibilitou acesso a informações que puderam ser transmitidas em suas redes sociais.

O segundo aspecto diz respeito a amplitude da circulação das informações e das ações promovidas pelo grupo, na medida em que a necessidade de atuação virtual possibilitou que pessoas do Brasil inteiro pudessem acompanhar não só as atividades do grupo, mas sobretudo as condições de estudantes indígenas na universidade, as condições de saúde de algumas comunidades; além de abordar os principais desafios e limites relacionados à inserção da presença e do conhecimento indígena dentro da universidade.

Nesse sentido, o PET – Conexões de Saberes – Indígena - Ações em Saúde, mesmo em condições adversas, conseguiu reafirmar o protagonismo indígena na universidade e a importante relação com as comunidades, criando e recriando formas artesanais de dialogar, de reivindicar, de trazer visibilidade e de ter resiliência,

tanto no enfrentamento da pandemia de COVID-19, como no cenário sociopolítico indígena contemporâneo.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D.; NOVAK, J. D.; HANESIAN, H. **Psicologia educacional**. 2. ed. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

AMARAL, W. R. do. **As trajetórias dos estudantes indígenas nas universidades estaduais do Paraná**: sujeitos e pertencimentos, 2010. 594 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

BANIWA, Gersem. **Educação escolar indígena no século XXI**: encantos e desencantos. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, Laced, 2019.

BERGAMASCHI, M.; DOEBBER, M. B.; BRITO, P. O. Estudantes indígenas em universidades brasileiras: um estudo das políticas de acesso e permanência. **Rev. Bras. Estud. Pedagogia**, Brasília, v. 99, n. 251, p. 37-53, jan. 2018.

CALLEGARI, F. V. R.; SANTOS NETO, C. S.; CARBOL, M. **A educação tutorial no Grupo PET Indígena Ações em Saúde da UFSCar**. Missão, processo de ensino aprendizagem e práticas formativas. In: FREITAS, A. E. C. Intelectuais indígenas e a construção da universidade pluriétnica no Brasil: povos indígenas e os novos contornos do Programa de Educação Tutorial/Conexões de saberes. Rio de Janeiro: e-papers; 2015. cap. 13. p. 181.

CARVALHO, M. L. B. de. **Das terras dos índios a índios sem terras. O estado e os guarany do oco'y**: violência, silêncio e luta, 2013. 835 p. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

CRUZ, Pedro; VASCONCELOS, Eymard Mourão. **Desvelando processos formativos das práticas extensionistas em Educação Popular na saúde**. Interagir: pensando a extensão, [S.l.], n. 27, jan. 2020.

FAGÁ, M. A. P.; SOUSA, R. M.; LUNA, W. F.; GOMES, V. V.; SOARES, G.F.; BOTELHO, A. G.; *et al.* Comunicação Social em Saúde Indígena em Tempos de Pandemia: A experiência no projeto informasus – UFSCar. *Cadernos da Pedagogia*. v. 15, n.31, p. 98 -109. 2021.

FREITAS, A. E. C. **Intelectuais indígenas e a construção da universidade pluriétnica no Brasil**: povos indígenas e os novos contornos do Programa de Educação Tutorial/Conexões de saberes. Rio de Janeiro: e-papers; 2015.

KLICHOWSKI, R. C.; CASSANDRE, M. P.; AMARAL, W. R. D. **O que é ser um acadêmico indígena de administração?** *Cad. EBAPE.BR*, v. 18, n. 2. p. 353–364, abr./jun. 2020. DOI: 10.1590/1679-395177916. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1679-395177916>. Acesso em: 3 abr. 2023.

LIMA, J. L.; MELO, A. B.; PERPETUO, C. L. **Pandemia e a exacerbção das vulnerabilidades sociais**: impactos na saúde mental. *Akrópolis, Umuarama*, v. 29, n. 1, p. 59-74, jan./jun. 2021.

LUNA, W. F. L. **Indígenas na Escola Médica no Brasil: experiências e trajetórias nas universidades federais**. 2021. 390f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Faculdade de Medicina de Botucatu, Universidade Estadual Paulista, Botucatu, 2021.

LUNA, Willian Fernandes *et al.* **Identidade, Cuidado e Direitos**: a experiência das Rodas de Conversa sobre a saúde dos povos indígenas. *Rev. bras. educ. med.*, Brasília, v. 44, n. 2, e067, 2020.

LUNA, Willian Fernandes *et al.* **Projeto de Extensão Iandé Guatá**: vivências de estudantes de Medicina com indígenas Potiguara. *Interface (Botucatu), Botucatu*, v. 23, e180576, 2019.

MARTINI, Larissa Campagna et al. SAÚDE DOS POVOS INDÍGENAS E COMUNICAÇÃO SOCIAL. **ContraCorrente: Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas**, [S.l.], n. 17, p. 298-304, dez. 2021.

MOREIRA, M. A. **Aprendizagem significativa**. Brasília: UnB, 1998.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: Pesquisa qualitativa em saúde. 9. ed. p. 261-268. São Paulo: Hucitec; 2006.

SCHWANDT, T. A. **Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa**. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *et al.* org. O planejamento da pesquisa qualitativa. Teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed; 2006.

TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2003.

UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos. **Política de ações afirmativas, diversidade e equidade da Universidade Federal de São Carlos**. São Carlos: Secretaria Geral de Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade; 2016.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todas as pessoas que participaram das atividades desenvolvidas pelo grupo PET – Conexões de Saberes - Indígena – Ações em Saúde durante o período da pandemia de COVID-19, bem como aos coletivos e instituições parcerias que tornaram possíveis cada uma dessas estratégias construídas. Agradecemos, especialmente, aos cotutores do grupo e aos petianos, estudantes indígenas dos vários povos e cursos de graduação, que construíram as atividades com afinco em meio a tantas adversidades trazidas por aquele momento de emergência em saúde.

FONTES DE FINANCIAMENTO

As atividades de extensão descritas foram financiadas por meio do Programa de Educação Tutorial do Ministério da Educação, com bolsas pagas pelo Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE).

CONFLITO DE INTERESSES

Declaramos não ter conflito de interesse.

